

A Entrevista

Natureza Viva

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



JOAQUIM DE ALMEIDA

Uma das figuras populares sacrificadas na lucta da Patria com a Republica,
e que, depois de soffrer prolongadas prisões,
se evadiu dos subterraneos do Forte da Graça, em Elvas, indo parar a Badajoz, onde o entrevistamos

N.º 12 — Numero avulso 60 reis — 31 - I - 1914

NÃO SE ACCEITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Can-
cella Velha, 70 — PORTO.

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.
- Numero 2.** — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
- Numero 3.** — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.
- Numero 4.** — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
- Numero 5.** — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.
- Numero 6.** — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.
- Numero 7.** — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.
- Numero 8.** — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.
- Numero 9.** — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO — S. Ex.^a diz porque não adheriu nem adherirá — Como julga os que adhesivaram — E' mais facil restaurar a Monarchia que aperfeiçoar a Republica — O exercito — Os messias e os heroes — Para onde vamos ou para onde poderíamos ir.
- Numero 10.** — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE) — I. A consciente conversão d'um republicano historico ao principio monarchico — Como a doutrina monarchica propagandada por Charles Maurras converte um republicano historico portuguez — Espirito scientifico, sem se deixar invadir por nenhuma especie de sentimentalismo, com uma vasta cultura que o põe ao abrigo de ser deslumbrado por qualquer orador ou publicista, Mariotte reconhece o erro republicano e democratico, e adopta e propaga a doutrina monarchica.
- Numero 11.** — Entrevista com MARIOTTE — As accusações do sr. João de Freitas e os ultimos parlamentos monarchicos — Porque devemos ser monarchicos — Exposição da doutrina monarchica.

A ENTREVISTA occupa-se exclusivamente de assumptos portuguezes.

TODOS OS PEDIDOS D'A ENTREVISTA DEVEM SER DIRIGIDOS:

PORTO — Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA — Agencia d'« A Entrevista », Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO — Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.



Joaquim Leiras

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 12

31-1-1914

A Cobardia dos Grandes

E

A Coragem dos Pequenos

O 26 DE JANEIRO e O SR. AFFONSO COSTA

O delirio do sr. Affonso Costa — As masmorras da Republica — Se houvesse guilhotina... — Porque não encarcera a Republica presos monarchicos em S. Julião da Barra — Uma obra do sr. Vasconcellos Porto — O que se passa na Penitenciaria — O que se passa no Porto — O Padre Avelino de Figueiredo — Onde começa e onde acaba a coragem do sr. Affonso Costa — O sr. Affonso Costa vestido de irmã de caridade — Joaquim Oeiras — Resposta ás perguntas do estylo — Justo epitaphio dos grandes gravado pelos pequenos.

Esta jornada de 26 de janeiro foi na vida da republica e está para a dictadura do sr. Affonso Costa como para o governo do sr. João Franco esteve o 18 de junho.

Ha uma differença: o sr. João Franco ficou no poder depois do 18 de junho; o sr. Affonso Costa, es-

corregou, tremeu e caiu na propria noite de 26 de janeiro.

A's 6 horas e vinte minutos — pelo relato parlamentar da *Vanguarda* que costuma ser fidelissimo, além de ser dos poucos que costumam photographar corajosamente a verdade — o sr. Affonso Costa tem ainda esta

fanfarronada: « O governo está forte, tem um grande partido a apoia-lo e quer demonstrar ao paiz, desde o chefe do Estado ao mais humilde dos cidadãos portugueses, que está disposto a governar, a manter a ordem e a não permittir que quem quer que seja, e seja porque motivo fór, altere a paz que deve reinar no paiz e viole a constituição ».

A's oito horas da noite, o centro da Regaleira queimava morteiros no Rocio, para chamar gente á manifestação de sympathia ao sr. Affonso Costa. Mas no Largo de S. Domingos havia apenas algumas *formigas brancas*; e dispersos pelas ruas da Baixa grupos de operarios que responderam aos foguetes acclamadores, com um manifesto que começava assim:

« Abaixo a tyrannia!

« Viva a liberdade!

« O governo de Affonso Costa quer « manifestações á sua obra nefasta de « perseguições e tyrannia. Seria uma « vergonha, seria a maior das baixes, seria a maior das cobardias que « o povo trabalhador de Lisboa se associasse aos *formigas brancas*, victoriando a obra d'um governo que « ainda ha dias assaltou e prendeu « 200 operarios na séde da sua Associação, e tem encarcerados na Trafaria e em Elvas, sem culpa formada, ha mezes e mezes, authenticos « revolucionarios, obreiros do 5 de « de outubro.

« Affonso Costa é peor que João « Franco.

« A' miseria do povo, que vae sendo cada vez mais assustadora, responde Affonso Costa com *superavit* no papel. A' emancipação do operariado, responde o tyranno com o arbitrio, fechando associações, prendendo e espancando operarios, lançando na miseria centenaes de famílias que não teem acções de

« Ambaca, nem interesses ligados a « syndicalistas e companhias do caminho de ferro, mas vivem apenas « do trabalho honrado e honesto do « seu braço.

« Povo trabalhador.

« E' preciso que o tyranno caia e a « liberdade não seja apanagio dos traidores, denunciante criminosos da « solidariedade operaria.

« A manifestação de hoje é um ultrage á classe trabalhadora.

« Viva a liberdade! Abaixo a tyrannia! ¹ ».

A's 9 horas e um quarto a manifestação de sympathia ao sr. Affonso Costa, ordenada pelo sr. Affonso Costa, começa a corporisar-se n'uns grupelhos, empunhando balões. O povo indignado grita: *Fóra o traidor! Morra o governo!*

A manifestação de sympathia ao sr. Affonso Costa, ordenada pelo sr. Affonso Costa, entra na Rua do Carmo. A meio da rua, mão desconhecida arremessa uma bomba que attinge alguns manifestantes, que dispersam.

Em frente á redacção do órgão governamental ha uma manifestação, que não foi ordenada pelo sr. Affonso Costa, e que é de antypathia ao sr. Affonso Costa e ao seu logar-tenente na imprensa.

A redacção do *Mundo* precisa de ser protegida pela força armada; a casa do sr. Affonso Costa precisa de ser protegida por esquadrões da guarda republicana e por policia.

E ás dez horas da noite, — trez horas e meia depois da fanfarronada do sr. Affonso Costa no Congresso — o *Mundo* arvorava a bandeira branca da

¹ Transcripto do n.º de 27 de janeiro de 1914 da *Vanguarda*, continuação do diário *O Socialista*, dirigido por Pedro Muralha.

rendição, que outra coisa não foi o seguinte placard :

«O governo presidido pelo dr. Affonso Costa apresentou a sua demissão ao sr. presidente da Republica por s. ex.^a ter manifestado desejos de serem consultados os chefes de partidos sobre a Constituição d'um ministerio extra-partidario. O governo viu n'este desejo uma prova de falta de confiança».

Ahi tem os idolatras da coragem do sr. Affonso Costa a bravura do seu idolo.

Estava escripto: no dia em que a rua arreganhasse o dente ao sr. Affonso Costa, elle render-se-ia, a bater o queixo.

Não tem sequer a allucinada coragem dos loucos-lindos. Dispunha tão sómente da audacia dos que contam com a immuniidade do poder e o cacetê dos guarda-costas.

Ahi está o 26 de Janeiro.

O que fez esse homem? Resistiu, prompto a morrer no seu posto? Isso, sim! Enquanto o ataque fôra ao monte, ao regimen, ás instituições, e as balas apontadas apenas aos que profissionalmente defendessem instituições e regimens, elle bem fôra o «estadista» a commandar pelo telegrapho a grande batalha. Mas assim que o automovel lhe é apedrejado, como foi a-pe-dre-ja-do, assim que a opinião publica se farta, acha que é demais e dispersa a manifestação, o idolo tem medo de quebrar, e desce prudentemente da peanha.

Poderá ainda ter impetos, audacias, mas mais tarde, na opposição... Quando o governo de amanhã se impopularisar, elle ha-de querer voltar a mollar a vella no bafo da monção. No Poder, esse valente já não dá mais nada. A sua coragem eram os cacetes e dynamitistas da *formiga branca*; aterrorisou, e dominou até que o

povo perdeu a cabeça e resolveu acabar com o Terror. Na mesma hora a *formiga branca* passou de aterrorisante a aterrorisada, e a coragem do sr. Affonso Costa findou o seu reinado.

Força, além da rua nunca a teve.

E, no Poder, a sua força era a perseguição, a cadeia, a prisão, o carcere, a masmorra.

Como todos os epilepticos da historia, este nevropatha nunca admittiu discussão nem discórdancia.

Em se lhe defrontando contrariedade, elle ahi estava a berrar:

— Prenda!

Fôsse homem fôsse argumento, a sua superioridade, a sua força, o seu recurso era sempre este:

— Prenda!

De recurso passou a monomania e de monomania a delirio.

Um juiz de instrução, um carbonario, um correio, um correligionario, um apaniguado que lhe entrasse no gabinete, antes de saber ao que iam, o sr. Affonso Costa exclamava:

— Prenda!

Minado de pavor, n'um delirio de perseguido-perseguidor — os doidos mais perigosos! —, fazia-se servir de carbonarios: era carbonario o *chauffeur*, era carbonario o creado, era carbonario o cozinheiro, era carbonario o padeiro, era carbonaria a gazolina, a luneta, a agua, o ar, o seu ar, era carbonaria a sua maioria, a sua sobrecasaca e a sua coragem...

Não obstante, conta-se que uma manhã entrando-lhe no gabinete de trabalho o creado com os primeiros despachos, elle automaticamente ordenou:

— Prenda!

A consultas de advogado, aos collegas do governo, aos bons dias do continuo do ministerio, s. ex.^a correspondia, levando dois enfatiados dedos á aba do chapéu alto:

— Prenda! Prenda!...

Nos camarotes do theatro ha muito que apparecia com dois homens de redondel armados de cacêtes; ao entrar e ao sahir, caminhava entre os dois guarda-costas, um adeante, outro atraz, em bicha.

E, ás boas-noites do pobre camaroteiro, s. ex.^a ordenava:

—Prenda!

—A excellencia disse...? — perguntava o empregado varado de susto.

—Prenda! Quer dizer: abra o camarote!...

Quando um continuo entrava no seu gabinete de ministro a annunciar-lhe algum funcionario que desejava conferenciar, o sr. Affonso Costa respondia instinctivamente:

—Prenda!

—E' o commandante da policia de Lisboa!...

—Prenda! já lhe disse, prenda! — berrava possesso.

O continuo, habituado já ás monomanias de ministros, traduzia:

—V. ex.^a quer que mande entrar?...

—Sim, no Alto do Duque ou na Penitenciaria!...

Se o informavam que a opinião publica se mostrava revoltada contra tanta prisão sem culpa formada, s. ex.^a retorquia:

—Pois prenda a opinião publica!

Se lhe communicavam que o Brazil exigia uma satisfação pelo menoscabo á sua legação em Lisboa, o sr. Affonso Costa resolvia possessamente:

—Prenda o Brazil! Prenda a imprensa brasileira! Prenda tudo, já, prenda que mando eu, o Affonso Costa!

Se lhe diziam:

—Real Senhor! Os carcereos estão fartos de conter gente innocentel... respondia:

—Pois prenda-me esses carcereos! Perante a grêve, elle mesmo man-

dou uma informação telegraphica á imprensa estrangeira, que nós lemos, dizendo: «*O governo tinha dois caminhos a seguir: ou ser vencido ou prender os operarios. O governo optou por esta segunda hypothese, visto como já prendeu duzentos operarios.* Isto lia-se n'um *affiche* do Boulevard dos Italianos: no *Credit*.

Quando o avisaram:

—Por este andar prende-se o paiz todo! —, então *recommendou*:

—Prenda só os meus inimigos!

—Mas hoje, excellencia, toda a gente em Portugal está contra si, toda a gente menos a sua familia e os seus creados, Real Senhor! E' o paiz todo seu inimigo!...

—Pois prenda o paiz todo!

—Mas ha a alma portugueza, a alma popular, a alma proletaria, a alma nacional, revoltada contra a sua tyrannia! —objectavam-lhe.

Então, o sr. Affonso Costa, espu-mando a furia dos tyrannos que nada podem contra o pensamento nem contra a alma d'um povo, gritava no auge do delirio:

—Pois prenda a alma nacional! já, Trafaria ou Limoeiro com ella! já!

E um corpo de policia inteiro, um corpo de carbonarios, de formigas e formigões é posto na pista da alma nacional.

Ah! mas a alma nacional não se deixa prender, a alma nacional justiceira e incorruptivel não se deixou atar á cauda do cavallo do *triumphador*, e, surdindo da onda anonyma do povo perseguido, ergueu-se, tomou-lhe o passo e acabou com a comedia, gritando por sua vez:

—Para traz!

E a ensaiada manifestação ao dictador recuou, desfez-se, dispersou, pulverisou-se com o seu prestigio de governante que tem da sciencia politica a vêsga noção de um carcereiro.

Com essa manifestação retrocedeu,

acudou a coragem do sr. Affonso Costa.

A força d'este homem era a masmôrra. Se houvesse guilhotina, em Portugal, elle trocaria a sua voz de commando: *Prenda!* pela expedita ordem: *guilhotine!*

Os correligionarios do sr. Affonso Costa diziam-o a quem os queria ouvir:

— « Nós sabemos perfeitamente que os monarchicos não desarmam, que farão successivas tentativas revolucionarias, que conspirarão perpetuamente. Temos de contar com isto. Por isso não damos amnistias. Não as damos porque não as podemos dar. Havemos de vencer os monarchicos pela prisão; prendel-os-hemos a todos! E quando est verem todos *engavetados*, nós tel-os-hemos vencidos! »

E se os monarchicos fossem apenas um partido, o sr. Affonso Costa teria prendido todos os monarchicos.

Provou-o bem.

Não ha cadeia de provincia, nem forte militar que não esteja acunhado de prisioneiros politicos.

Uma só não pôde ser utilizada pela Republica: S. Julião da Barra, a masmôrra historica dos tyrannêtes.

Sabem porquê? Porque um homem de bem e de coração o mandou atulhar.

Sabem quem foi? Um dos ultimos, e dos primeiros! ministros da guerra, da Monarchia — o sr. conselheiro Vasconcellos Porto.

Esse homem visitando, na sua qualidade de ministro da guerra, os fortes e presidios militares, ao chegar a S. Julião da Barra, e ao dar com o scenario das amarguras conhecidas na historia patria, teve um impeto de protesto na sua alma de velho portuguez!

— Hei-de acabar com isto! Nunca mais se poderá soffrer aqui!

E mandou atulhar o presidio. Mas não se limitou a tapar, a entaipar, a cobrir de lages; mandou inutilisar, atulhar, de fôrma que só a dynamite, como quem rompe tuneis, ou desbrava pedreiras, a Republica poderia hoje reconstituir essa masmôrra.

Foi-se aos outros presidios e mandou rasgar as setteiras, abrir janellas, para que ao menos houvesse alli um pouco de ar senão de luz. E esse pouco de ar que os prisioneiros politicos respiram hoje nos carceres dos presidios, devem-o ainda a esse ministro da guerra que em Portugal deixou um nome honrado e respeitado. Nunca o sr. Vasconcellos Porto suppoz que para esses presidios fôsem amigos e camaradas seus, mas não pôde deixar de ser-lhe grato relembrar hoje que o pouco de allivio ahi levado se deve a elle ter-se horrorisado perante a evocação do que haveria sido outr'ora o soffrimento filtrado por aquellas catacumbas.

A Republica, porém, vingou-se de lhe haverem tirado S. Julião da Barra, apropriando as Penitenciarias aos presos politicos.

Tem-se por ahi cantado as recentes bondades e adoçamento do regimen penitenciario para os reclusos monarchicos. Pois as bondades são estas: os antigos guardas da Penitenciaria de Lisboa, apesar de terem annos do logar parece que não tinham a alma do officio, porque a maior parte d'elles, por não demonstrarem ferocidade que satisfizesse não sei se o governo se o director d'aquelle carcere, foi demittido.

Havia guardas com vinte e tantos annos de serviço que foram expulsos.

E esse pessoal foi substituido por carbonarios que assim encontraram mais umas vagas nas suas carreiras e mais umas centenas de victimas em quem facilmente e impunemente ce-

var os seus cobardes instinctos de fêras.

Um d'esses carbonarios improvisados em carcereiros levou a sua torpeza ao ponto de ir passear com um pobre preso e fazer-lhe a confidencia de uma imaginaria affronta conjugal. Era uma infamia, sem fundamento, mas verdade que fôsse, nem por isso deixaria de ser uma infamia!

O director d'essa Penitenciaria ou quem as suas vezes faz, só deixou de receber repoltreado na sua cadeira e na sua insolencia, e de bonnêt na cabeça, as senhoras que entravam a pedir licença para visitar presos, depois de admoestado pelo ministerio do interior.

E no Porto? No Porto, por uma, creio que falsa, accusação de associarem o *Hymno da Carta*, ha presos que desceram cinco dias ao *segredo*. Por accenderem, no dia 8 de dezembro, duas vêlas ante uma estampa de Nossa Senhora da Conceição, estiveram tres dias sem receber visitas.

O que se passa nas outras masmorras?

E' o que se passa na alma do sr. Affonso Costa.

Para a Republica e para o sr. Affonso Costa a prisão não é uma triste necessidade legal: é uma tyrannia exercida com espirito de vingança, com o requinte de quem se compraz em fazer soffrer. N'esse regimen não se prende por indispensavel medida de repressão: prende-se por não se poder guilhotinar.

E como não se pôde guilhotinar legalmente — ah! como o sr. Affonso Costa deve ter achado imperfeita a constituição republicana! —, entaipa-se o homem. Pois o que é que se tem feito com esse grande martyr, o Padre Avelino de Figueiredo, o primeiro preso monarchico, que tanto mez esteve entre ratos, sumido

nos esgotos do Limoeiro, e que agora está para ali atirado para a Penitenciaria? Ha homens que annos depois pegaram em armas, e já fôram presos, julgados, condemnados e remidos! Outros que fôram presos e soltos: os *graúdos*. O Padre Avelino de Figueiredo, o antigo adversario eleitoral dos republicanos da Sé, preso por simples suspeita de conspirador e por absoluta certeza da força eleitoral que tinha na sua freguezia, esperou mezes no sepulchro das cadeias que lhe formassem processo, para o poderem continuar a ter entaipado nas paredes da Penitenciaria. E lá está!...

A Penitenciaria, a Trafaria, o Forte da Graça, o Alto do Duque, o Limoeiro, o Aljube eram a força do sr. Affonso Costa.

A manifestação de 26 de janeiro veio provar onde acabava a coragem d'esse homem: acabava na hora em que elle reconhecesse que meia duzia de facas-de-matto o não salvavam de ser apedrejado como elle mandou apedrejar João Franco, n'aquellas desordens d'Alcantara, que deram a celebridade ao Chico Teso; acabava na hora em que elle experimentasse que a sua matilha era corrida pela indignação popular, pelo verdadeiro povo, farto de usarem e abusarem em seu nome.

Ahi têm a grande coragem do mais forte dos republicanos!

Vejam se comprehendem d'uma vez para sempre a differença que ha entre a coragem dos grandes e a coragem dos pequenos.

A coragem dos grandes é a mascara da cobardia: só se fazem fortes enquanto podem prender e opprimir.

No dia em que a lucta lhes sae a sério, fogem.

Esse homem demittiu-se, ou melhor prometteu demittir-se.

Deixará effectivamente o Poder?

Capaz é elle de declarar demittir-se, só para aquietar a ira popular, e, logo que sinta a multidão applacada, voltar a ficar, conscio de que a justiça popular leva seu tempo a encapelar-se outra vez, depois de applacada.

Mas tambem João Franco ficou depois da jornada de maio, depois do 18 de junho, e depois do 28 de janeiro.

Infelizmente, desgraçadamente não ficou depois do 1 de fevereiro...

Na Republica, como na Monarchia, mesmo que o sr. Affonso Costa fôsse o sincero luctador que era João Franco, na Republica haverá, no seu 1 de fevereiro, quem, como na Monarchia, se acobardará pelo sr. Affonso Costa...

Simplemente, n'esse dia, antes d'esse dia, o sr. Affonso Costa fugirá de vez, e fugirá não n'uma cabine de *sud-express*: ha-de fugir vestido, disfarçado de irmã de caridade, e, talvez pelo braço de alguma senhora religiosa e apiedada, a cuja bondade a sua pusillanimidade se não pejará de abrigar-se para se pôr a salvo.

O sr. Affonso Costa não é, tirem d'ahi o sentido, caso unico nem novo na historia.

O sr. Affonso Costa não é o homem que arrisca alegremente a sua vida, como querem correligionarios e adversarios, sobretudo os seus ingenuos e illetrados adversarios. O sr. Affonso Costa é o symbolo dos grandes da terra que só são valentes quando e emquanto teem o mando, e que se somem em pó quando a desgraça se lhes depára.

Para esses homens, quando a desgraça lhes entra em casa, sae-lhes a coragem pela janella.

A coragem é propria dos pequenos, dos que habituados ao sacrificio e ao soffrimento, só sabem fugir das grandezas e da pompa.

A cobardia dos grandes é uma fatalidade psychologica, como a coragem dos pequenos é uma grandeza emblematica da alma dos humildes.

O sr. Affonso Costa teria hoje direito a arrogar-se a grandeza que lhe teem emprestado, se a sinceridade de uma doutrina, ou a obcessão elevada d'uma missão, o atirasse apaixonadamente para o sacrificio, para deante e para a morte; se fôsse um apostolo, embora apostolo d'um erro, se fôsse ao menos um fanatico.

Para isso é preciso ter a grandeza moral d'um homem como El-Rei D. Carlos!

E o sr. Affonso Costa não é nem um apostolo nem um allucinado por uma auto-sugestão de redemptor de uma Patria: é apenas um sollicitador a quem metteram nas mãos as chaves d'um carcereiro.

Tinha a mascara dos homens do Terror; o 26 de janeiro arrancou-lh'a, e elle ficou-se como o tigre a quem serraram os dentes.

A sua coragem é a coragem dos tyrannos: dura até um dia em que um anonymo, valendo por uma patria inteira, se disponha a acabar com *aquillo* ou que acabem com elle.

Foi assim que acabou o Terror em França.

Um homem que não era nada e que nunca pôde ser mais nada, tinha uma amante: essa amante, escreveu-lhe um bilhete em que dizia: « *Fui condemnada á morte. Vou ser guilhotinada* ».

Esse homem saiu para a rua, e em horas acabou com o Terror.

O sr. Affonso Costa condemnou á morte, pela fome e pelo presidio, a amante d'um obscuro. Essa amante chama-se a liberdade publica; esse obscuro chama-se o povo de Lisboa, não o povo das alfurjas onde esse ministro ia buscar os seus admirado-

res, mas o verdadeiro povo, o povo do trabalho, o proletario, o povo portuguez.

E, em horas, em menos de quatro horas, o obscuro acabou com o Terror.

E' que os pequenos, mesmo desprevénidos de uma doutrina, quando o caracter os ajuda, teem a coragem que vae até ao sacrificio, á prisão, ao carcere, e á guilhotina se o sr. Manuel d'Arriaga resolvesse desenfastiar os seus serões de arcade com a visão macábra de execuções capitaes, celebradas ante o seu alugado terraço do Paço de Belem.

Estão elles desamparados de uma doutrina que lhes *systhematise* o esforço e os acutêles do deslumbramento explorador dos grandes! E esse desamparo vae até este anedoctico mas *authentico* exagêro: n'uma leva de presos monarchicos transferidos do Limoeiro para a Trafaria, um rapaz de cabelleira, e laço ao vento, que evidentemente guardara de outros tempos e outras rebeldias, gritava:

— «Viva a Monarchia! Viva El-Rei D. Manuel! Viva Robespierre!»

N'este ambroglio de paixões e de cultos esse pobre rapaz, não mais desorientado que muitos ministros de Estado, o que era? Uma alma em flôr, o caracter affeito ao sacrificio, com uma sobreposição de allucinações auditivas, a deslumbra-o pelo poder hypnotisante das maiusculas: Liberdade! Monarchia! Robespierre! Rei! Revolução!...

Peguem n'esse rapaz, eduquem-o, ensinem-lhe uma doutrina monarchica, disciplinem-lhe o espirito, phocalisem-lhe as qualidades de intelligencia e de caracter, e verão! Sente-se latejar na alma da raça e, por sob as angustias d'esta hora, a ancia de uma doutrina que concilie as classes e os problemas sociaes, dentro da formula

politica que a tradicção lhes aponta de instincto.

O humilde que hoje lhes apresento — Joaquim Oeiras — é um exemplo d'isso. Diz-se *Socialista* e *monarchico*, porque até hoje ninguém lhe revelou outra expressão para traduzir o proposito de resolver a questão operaria dentro da monarchia, ninguém lhe deu a ler *La monarchie et la classe ouvrière*, de Georges Valois. E Joaquim Oeiras que entre operarios tem vivido, e que, de perto, conhece o mal-estar da classe, a quem tem dedicado muito amor, e muito esforço, debate-se nas difficuldades de conciliar a politica monarchica com o problema proletario. Patriota, o bem nacional não o deixa ir para a revolução social, liga-o fortemente á monarchia hereditaria, sem se esquecer de que dentro do soffrimento colectivo, ao qual elle vetará a sua vida se tanto fôr preciso, ha o soffrimento de uma classe com quem elle tem vivido e convivido, com quem e por quem tem trabalhado. E, como a incultura monarchica que até hoje tem grassado no paiz, o não habilitava a resolver um capitulo da questão, que na verdade não pôde ser resolvido senão com a resolução e a restauração do regimen monarchico, pois que a sorte das classes tem de ser instrumentada na soberba orquestração da harmonia social, Joaquim Oeiras explica-se a si proprio como um *socialista* e como um *monarchico*.

Mas como lhe sóbra caracter, entre o sr. Affonso Costa e Joaquim Oeiras ha a vasta differença que vae da insignificancia dos grandes, á sublimidade dos pequenos, entre a cobaradia dos grandes e a coragem dos pequenos.

O sr. Affonso Costa, levado á presença do Juiz de Instrucção Criminal, da Monarchia no 28 de Janeiro, chora, roja-se aos pés do Juiz, para elle ir

pedir a s. ex.^a o sr. João Franco que lhe deixe escrever uma carta á familia; e enquanto o Juiz commovido sae um momento, elle trêpa acima de uma cadeira, como rapaz que esconde os cigarros, e pousa em cima de um armario as balas da *browning* que ainda tinha no paletó.

Quando lhe sae a manifestação do 26 de Janeiro, o sr. Affonso Costa choramiga, como rapaz que foi apanhado a lamber os pótes da marmelada:

— « Eu desço já! não me faça mal que eu desço já!... » — que era o que queria dizer o *placard* do *Mundo*, arvorado em rendição perante a noite de 26 de Janeiro, e não porque o sr. Manoel d'Arriaga tivesse esticado ou encolhido a sua confiança *regia*.

Joaquim Oeiras não chora, não ajoelha, não supplica: nem jantares do *Tavares*, nem permissão para socegar a parentella. Sofre a prisão, o presidio, e para sair não chora, não supplica, arrisca-se ainda a ser entravado na sua caminhada para o exilio pela bala d'algum guarda.

O sr. Affonso Costa ou já foi ou ha-de ir embora do Poder. Outros comediantes virão. Serão outros tantos carcereiros, de alma, vida e coração! Serão outros tantos tyrannos que não terão sequer o unico aspecto sympathico do sr. Affonso Costa: o descaramento de serem o que são. Aquelle ao menos nunca enganou ninguém. Ha muitos annos bateu n'um velho invalido: o sr. José Pereira de Sampaio, *Bruno*. E bateu-lhe, armado d'um *box*. Julgado em policia correccional, e condemnado a 5\$000 reis de multa, exclama, ali mesmo no tribunal:

— « Cinco mil reis? E' barato!... »

Nunca enganou ninguém, o sr. Affonso Costa.

Os outros dois não teem feito outra vida senão enganarem a ingenui-

dade publica: o sr. Antonio José de Almeida a fazer de homem de bem, de apostolo, o sr. Brito Camacho, a fazer de intellectual.

N'este momento, esses dois insignificantes da comedia politica prepararam-se para novos ludibrios: esperam d'elles a amnistia: não a darão, nunca a tencionaram dar; esperam d'elles a pacificação: não a promoverão, porque não ha nada como a estupidez para lavrar a desordem; esperam d'elles o equilibrio economico: não sabem o que isso é; esperam d'elles a salvação da finança: são dois ignorantes; esperam d'elles civismo: são dois ambiciosos, sem grandeza; esperam d'elles a honra vulgar de governantes: estão ha muito tempo deshonorados pelos seus processos, e um d'elles o sr. Antonio José de Almeida já em publico confessou ter praticado más acções, influenciado pelos collegas do Governo Provisorio.

Vae ser a mesma coisa, vae ser peor, sem o divertido *entrêtement* do sr. Affonso Costa, que tinha ao menos a belleza dos Neros: a mégalomania de ser alguem, o delirio de se mostrar embora á luz do incendio que devorasse a Patria, a sua propria casa, o proprio pedestal, d'onde elle acabaria, exclamando, a fugir:

— « Vejam como tudo morre e só sabe fugir o doutor Affonso Costa! »

Vae ser a mesma coisa, vae ser peor. Mas o Terror acabou: a uma parte do Terror já o povo lhe perdeu o respeito. A outra parte que resta do Terror vae mais depressa.

O sr. Affonso Costa ou já foi ou ha-de ir embora do Poder.

Hão-de vir os da segunda plana, os dois coristas d'essa companhia de *furiosos* dramaticos, que tomaram Portugal para dar representações de governação.

Tambem hão-de ir embora.

E durarão menos tempo que o sr. Affonso Costa.

Os sacrificados, esses ficam; os pequenos esses é que resistem, a aguentar e a salvar aquillo tudo. Isto é um bazar onde estão em liquidação as *cathegorias*, as falsas notabilidades.

O governo do numero é absurdo, mas as *cathegorias*, como ellas eram, não podem substituir-se nem substituir as *elites*. Não queremos ser governados pelas multidões, em nome da força numerica, mas exigimos que uma arrogada casta de *grandes* se não arrogue a missão de fazer a felicidade d'um povo, desprezando esse povo.

Esse povo dá desde já uma *elite* de corajosos que em poucas horas escorraça o sr. Affonso Costa.

Esse povo dá uma *elite* de abnegados que se bate em Vinhaes, em Cazares e que soube morrer em Chaves.

Esse povo dá uma *elite* que povoa as cadeias, e quando lhes abrem as portas dos segredos, ao cabo de mezes, é para confirmar as suas crenças, gritando:

— Viva a Monarchia!

Esse povo dá uma *elite* que não anda a negociar *fusões* e *adhesões*, com amnistias.

Esse povo dá a sinceridade, as amarguras, os sacrificios, as fomes e a miseria soffrida na Europa e no Brazil.

São os pequenos.

Os grandes dão uma *elite* de ambiciosos e de intriguistas.

Não queremos o governo do numero que é a tyrannia das incompetencias.

Queremos a formação de uma *elite*, que ajude depois a seleccionar e a crear as successivas *elites* profissionais em que se devem decompor as multidões.

Mas pelo momento, entre a indisciplina geral, a nossa *sympathia* vae já para aquelles que não teem culpa de estar indisciplinados e que apresentam desde já a differenciação da coragem.

Occupamo-nos hoje de um d'esses: Joaquim Oeiras. E' um dos pequenos, d'aquelles com quem ninguém conta e afinal d'aquelles com quem os grandes não podem — nem que não queiram — deixar de contar.

Os pequenos que são afinal o povo, o paiz, Portugal, aquelles em quem reside a força e quasi sempre a honra, a lealdade, a bravura, o stoicismo, o sacrificio, o heroismo.

Nos pequenos que são os representantes amargurados da escravidão politica e economica é que está a sorte e o destino dos grandes.

E' a esses a quem é preciso e util fallar claro e verdade.

Porque os pequenos, correndo o sr. Affonso Costa como amanhã correrão outro qualquer, os pequenos são quem quer saber onde está a verdade.

Os pequenos poderão ser cegos, mas porque a ambição os cegue.

Os pequenos são a raça, são o povo, são a Patria, são Portugal, são a cadeia, a masmorra, a Penitenciaria, as veigas de Chaves regadas com o seu sangue.

Perguntam-nos:

— Porque fracassou a primeira incursão?

— Porque não entrou Paiva Couceiro em Chaves?

— O que diz você ao Homero?

— Porque é que as altas patentes do exercito, o *peixe graúdo* é preso e logo solto d'ahi a dias, e os capitães, os tenentes, os pequenos são chamados a perguntas e ficam presos definitivamente?

Deem uma doutrina aos pequenos, e nem terão necessidade de fazer

perguntas d'essas nem haverá occasião de se darem os factos que suscitam essas perguntas.

Apetrechem os pequenos d'uma doutrina monarchica e terão a Monarchia estavel e solida quando quizerem.

Entretanto, os anjos que lhes respondam que os seraphins foram á carqueja.

Depois os pequenos perguntarão e responderão, responderão ás perguntas e responderão por tudo.

Os pequenos não se prendem nem com ambições nem com sacrificios.

A cobardia é para os grandes.

A coragem é dos pequenos.

As Patrias podem ser symbolisadas n'um cantor ou n'um heroe: mas quem as fórma, cria, engrandece e immortalisa são as multidões.

Por isso, o sentimento que os grandes votarem ás multidões, é o mesmo sentimento que as multidões lhes votarão na historia.

Os grandes de hoje desprezam as multidões, os pequenos?

Pois, estejam certos que será o desprezo que as multidões lhes gravará amanhã em epitaphio.

Historia d'uma Evasão do presidio d'Elvas

ENTREVISTA

COM

JOAQUIM OEIRAS

Como se fabricam conspiradores — Filhos das trevas que irrompem ao sol nado — Uma busca — Correspondencia com carimbo inglez que assustou o regimen — Interrogatorios de algibeira — Da esquadra de Valle de Santo Antonio para o castello de S. Jorge — Regulamento vexatorio que ainda assim não é cumprido — Fabrica de doentes n'um carcere da republica — No hospital — Da Estrella para o Limoeiro — A enfermaria do Limoeiro — O director do Limoeiro, afilhado da Rainha Maria Pia — A lei do inquilinato infringida pelo seu auctor — Escuro como breu e carta de prego — A leva para o Forte da Graça, em Elvas — Sepulturas encravadas cinco metros abaixo do solo — Em poucos dias cincoenta por cento dos presos politicos adoecem nos subterraneos de Elvas — Cinco mezes sem respirar ar directo — Fugindo de Elvas — O plano da fuga — A monte — A passagem do Guadiana — Em Badajoz.

Joaquim Oeiras é uma das figuras populares, sacrificadas ao odio da Republica, e que depois de soffrer prolongadas prisões se evadiu dos subterraneos lóbregos do *Forte da Graça*, em Elvas, indo ter a Badajoz, onde o entrevistamos.

Estatura meã, de bons bicipedes,

a despeito da pallidez da longa clausura, vê-se ainda o homem forte, como a despeito de uma vida, já em mais de meio, trabalhada por amarguras, no seu olhar não esmoreceu ainda a luz da esperança.

Serêno, a serenidade dos fortes, e com a decisão dos corajosos, n'um

correcto falar de quando em quando cortado de expressões do mestraço de artes constructoras e em que se sente a facilidade com que elle, para se approximar da alma proletaria, falará ao operario a linguagem saborosa do povo, Joaquim Oeiras narra este movimentado capitulo da sua vida civica que começa n'uma denuncia e acaba na emocionante evasão dos subterraneos do Forte da Graça, em Elvas :

O « truc » das pistolas.

— Attribuo a prisão a falsa denuncia. Emprestei oitenta mil reis a um cavalheiro...

— Um cavalheiro ?

— Que fôra antes de se transformar em policia secreta. Eu suppunha-o necessitado de dinheiro, elle precisava mais era de allegar serviços junto dos patrões. Os oitenta mil reis eram a primeira parte da farça das pistolas que a policia inventou para arranjar conspiradores. Empréstado o dinheiro, o tal cavalheiro appareceu-me a pedir-me novo favor : que lhe ficasse com umas pistolas em pagamento. E isto bastou para ir dizer para a policia que me vendêra armamento. Era um dos muitos agentes disfarçados que andam por aquella pobre terra a offerecer pistolas á venda ; se algum desgraçado lhes acredita as lamurias e compra alguma pistola, o que é facil de succeder n'um paiz onde já é imprudente não andar armado, é homem perdido. No interrogatorio a que me sujeitou o juiz Arão de Carvalho affirmei-lhe que era assim que a policia fabricava conspiradores, transformando assim a sua missão de evitar crimes na traiçoeira e criminosa tarefa de os inventar, pois que era facil qualquer adqui-

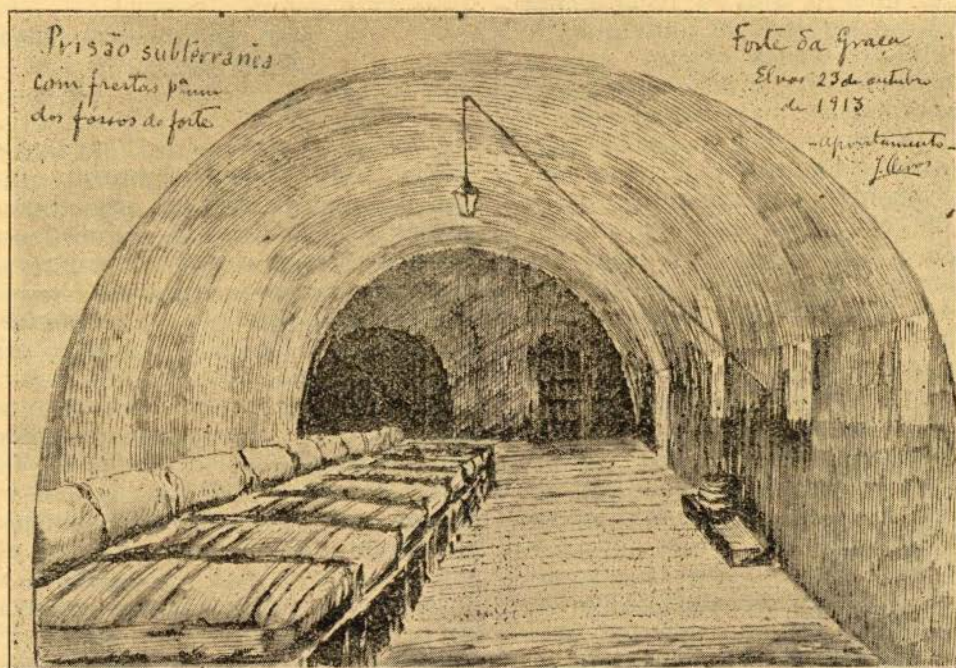
rir uma pistola, para defeza propria e sem intenções criminosas. Foi assim que eu fui denunciado e prêso. No dia 6 de agosto, ao romper do dia, estava tranquillamente na minha cama, quando me avisaram de que estavam ali quatro agentes da judicaria que queriam passar uma busca á minha casa por constar que eu tinha lá armamento escondido ! Como anteriormente havia sido avisado de que os Acacios Bonitos da *Formiga Branca* planeavam... entrar-me em casa, levantei-me n'um prompto, e fui á porta, não sem me prevenir com o meu « trabuco », uma leal móca, companheira inseparavel de outros tempos, para receber condignamente a matutina visita. E para logo fiz sciente aos visitantes que só á auctoridade consentiria a entrada no meu domicilio. Comprovaram os seus poderes, entraram. Durante uma hora buscaram, e rebuscaram, mettendo o nariz em tudo. Não houve mala nem gavêta nem canto que não fôsse visitado, cama que não fôsse desfeita, livro que não fôsse folheado. Encontrando entre a minha correspondencia cartas com estampilha ingleza, e escriptas em inglez, trocaram olhares inquiridores, miraram e remiraram as ditas cartas, com o olho entendido do *detective*. Por baixo dos bigodões ferozes já estavam suspensas as tres famosas syllabas de um *Eureka* ! Para prestigio da auctoridade que ia fazer triste figura, chamei-lhes a attenção para a data do carimbo postal : 1905 ! Tranquillisaram-se... Nada mais lhes parecêra suspeito, nada de compromettedor para mim encontraram, mas a busca era apenas a symphonia d'aquella extremunhante visita. Finda a devassa, convidaram-me a ir fazer umas declarações perante o sr. commandante da policia, deixando-me o agente Cunha para me acompanhar assim que eu me tivesse vestido.

A carta «omnibus» — Novo genero da estyllistica republicana.

— O agente nunca mais o largou é claro? Assistiu á sua *toilette*?

— Eu não o quiz para meu creado de quarto. Apenas a formalidade da guarda-de-honra. Eram sete horas da

os dois ultimos dias d'esta primeira *étape* do meu martyrio, fui maçado com fastidiosos e ingenuos interrogatorios, pelo juiz Arão de Carvalho e pelo agente Figueiredo da judicaria, que ardidamente, incorrectamente, deslealmente procuraram encontrar á viva força motivo para procedimento. «*Quaes são as suas idéas poli-*



Desenho de Joaquim Oeiras.

manhã, marchamos. Quando eu esperava ser conduzido ao commandante da policia, pregaram commigo na esquadra do Valle de Santo Antonio onde estive nove longos dias, dois dos quaes absolutamente incommunicavel. Ao terceiro dia consentiram que a familia me visitasse, assistindo á visita o cabo de serviço. Dentro do regulamento foi-me dispensado bom acolhimento pelo chefe Coelho e restante pessoal da esquadra. Durante

ticas?» perguntou-me logo de entrada o juiz. Apesar de vêr n'esta pergunta um abuso, um attentado contra a letra da propria constituição da republica, respondi: «*Sou socialista-monarchico; socialista por um principio humano, monarchico por patriotismo.*» Terminados os inuteis interrogatorios, conduziram-me para o castello de S. Jorge. Logo que entrei, foi-me lido o vexatorio regulamento do presidio, a que ficava sujeito,

privando-me ainda da unica disposição humana que elle contém; a visita da familia, áqual só me era permittido escrever *cartas-omnibus*.

— *Cartas-omnibus*?! Que bicho é esse?!

— E' assim que elles chamam ás cartas entregues abertas para serem sujeitas á censura. E toda a minha correspondencia, quer a que eu escrevia, quer a que eu recebia, era lida antes de me ser entregue! A constituição d'elles estatue que a correspondencia é inviolavel e pune, como criminoso, todo aquelle que a violar. N'este regime passei 17 dias n'um carcere a que lá chamam emphaticamente « isolamento », para não lhe chamarem « segredo ». Pouquissima luz, e essa mal coada por grossas grades de ferro, abobadas e lagêdos, sem a mais rudimentar condição de vida. Eu passava o tempo como leão na jaula, dormindo e passeando em diagonal as lages do carcere para me parecer mais comprido. As pessimas condições de hygiene d'aquella masmorra, deram commigo doente, e doente com certa gravidade. Dei baixa ao Hospital da Estrella. Decorridos 15 dias, a meio do meu tratamento, veio uma ordem da Divisão ou do governo determinando que « *não perigando a minha vida (a saúde era um zero) me remetlessem para o Limoeiro n'esse mesmo dia* ».

— E foi?

— Já se vê! Novo passeio, nova instalação. Claro que precisava continuar o meu tratamento; mas a enfermaria do Limoeiro é um antro tão sordido, que preferi medicar-me, conforme pude, tomando um quarto (?) no grupo B que paguei por 2\$400 reis ao mez, conforme lhe provo por este recibo que está aqui.

— ??...

— Falta de confiança nos serviços de enfermagem, cujo pessoal é re-

crutado entre os proprios communs, promiscuidade com toda a classe de gente e de doentes, tuberculosos, pneumonicos, feridos, chaguentos, um inferno de idade media! Nem ventilação, nem aquecimento, nem ar, nem luz, um cheiro nauseabundo. De enfermaria só tem o nome. Sabe qual é a verba diaria com que é dotada a enfermaria?

**Um afilhado da Rainha
Maria Pia.**

— Diga.

— Tres mil reis! para alimentação, dietas, tudo! O compartimento que me alugaram, e que eu paguei com o meu rico dinheiro, e a que dão o pomposo nome de *quarto*, é um esconso nas aguas-furtadas do Limoeiro, sem cubagem para uma pessoa, e que já era habitado por cinco prisioneiros. Cada um de nós pagava 2\$400 reis mensaes, disfructando apenas o espaço da cama; de modo que só aquelle sotão rendia 14\$400 reis! A' inhospitabilidade da hospedagem, correspondia o regulamento durissimo do Limoeiro, que, como em todas as cadeias da republica, é mais austero para os presos politicos do que para os presos communs. O assassino ou o ladrão gosam de mais regalias e menos rigores do que o prisioneiro politico, ainda que não seja senão um suspeito como succedia commigo e com a maior parte dos que lá se encontravam. Visitas, por exemplo, nós os presos politicos só podiamos receber as de pae, mãe, mulher e filhos, sendo-nos negada a de outra qualquer pessoa de familia ou amizade, o que não se dá com os criminosos de direito commum.

— Mas o director da prisão póde attenuar o rigor dos regulamentos com a sua bondade e sob a sua responsabilidade...

— O Director do Limoeiro era, e creio que ainda é, o major França; o major França foi protegidissimo na Monarchia, devido á boa madrinha, a desditosa Rainha Senhora D. Maria Pia. Ora, como sabe, é uma regra, com pouquissimas e peregrinas excepções, — os que eram protegidos pelo Paço e os que mais favores deviam á Monarchia foram os que mais mal se portaram e os que mais republicanos desejam parecer!...

Joaquim Oeiras sorriu, com o sorriso dos que não estão para se indignar, e continuou:

— Em todo o caso o mau tratamento do Limoeiro teve uma vantagem: preparar-nos para as amarguras que nos estavam reservadas, nos seguintes *paços* da republica. Porque ainda não tinha feito um mez que gozavamos aquella soberba residencia, quando nos puzeram no meio da rua. E' assim que o sr. Affonso Costa, auctor da lei do inquilinato respeita a propria obra: nem o aviso do prazer nem o gozo da habitação pelo praso contractual e pago. Um mandado de despejo arbitrario, e pouco lizo porque me ficaram lá com tres dias de renda, ou sejam doze vintens que, a quem não é ministro nem advogado das heranças Esteves Ribeiro, custam muito a ganhar! E demais a mais uma deshumanidade propria de senhorio de *paleo* que manda destelhar a tóca do pobresinho; ás duas horas da madrugada do dia 10 de outubro, ordem para nos pôrmos a pé, pois que nos estava esperando em baixo uma força para nos conduzir a mais 129 prisioneiros a rumo desconhecido. A sahida foi tão precipitada que nem as nossas familias, que n'esse domingo, nos deviam visitar, podêmos prevenir nem da sahida nem do destino que nos foi rigorosamente occultado. Calcule a scena lancinante que ao depois se passou

no Limoeiro, quando aquellas centenas de mães, esposas e filhos, que iam pressurosos visitar os seus queridos encarcerados, tiveram conhecimento da desoladora e cruel surpresa que a republica com tão requintada malvadez lhes havia preparado. Eramos 130 prisioneiros. Nem um tinha culpa formada! cento e trinta suspeitos de crimes politicos, acompanhados por uma força de quatrocentas praças da Guarda Republicana, de espingarda carregada e bala de guerra.

Atirados para um wagon de 3.^a classe como quem atira mortos para a valla commum — Trinta e seis horas, sem comer.

— E afinal para onde era a ida?

— N'essa altura ainda o não sabiamos. Chegados a Santa Apollonia, mandaram-os entrar na 3.^a classe de um comboio que estava á nossa espera. E lá seguimos, empilhados como sardinha em canastra, atirados para ali como gado, como desgraçados para a valla commum. Só no Entroncamento soubemos o destino que levavamos. Iamos para o Forte da Graça, em Elvas, onde aportámos tres-passados de amargura, de paixão, e de saudade, extenuados de fadiga, e depois de termos feito o percurso da estação de Elvas ao Forte, cerca de meia hora de constante subida, de uma inclinação não inferior a 45°, mortos de fome, pois desde a vespera que não comiamos. Só ás 2 horas da tarde nos foi fornecido no Forte um pucaro de *café* (?) e um *casqueiro*.

Enterrados nos subterrâneos de Elvas — Metade dos presos não resistem.

— *Casqueiro?*

— É' giria de presidiário, não repare! chamam *casqueiro* ao pão de munhão.

— E ahi, que tal, a respeito de alojamentos!

— Fomos alojados em promiscuos grupos de 20, em prisões de configuração tumular, e cavados cinco metros abaixo do sólo, recebendo uma luz de jazigo, por umas cinco setteiras que davam uma luz de catacumba e um ar de submersão. O rancho incompatível com o paladar e com o estomago, pela insufficiente quantia arbitrada para a alimentação de cada preso: 145 reis! N'esta época de *superavit*, com os generos de primeira necessidade a custar mais do dobro do que custavam antes da proclamação da republica, 145 reis é o escarninho passaporte para a fome! N'essa execravel prisão permaneci 15 dias até que o medico do presidio, observando a precaria saude em que eu e mais dois companheiros cahiramos, attestou a impossibilidade de ali permanecermos, sob pena de grave risco de vida, e fomos então passados para uma outra dependencia, um pouco mais confortavel. Os outros presos todos os dias davam novo contingente de doentes, e em pouco tempo 50 % dos da minha leva, davam baixa ao hospital militar da guarnição d'Elvas, victimas do deshumaño, barbaro alojamento.

— E a comida, como remediam o caso?

Uma excepção aos officiaes de que a republica fez carcereiros.

— Como o rancho era verdadeiramente intragavel, e a situação isolada

do Forte nos não permittia fornecer-nos de comida de fóra, vimo-nos, obrigados, para não morrer de fome, a cozinhar dentro da propria prisão!

Ali cosinhávamos, lavávamos a loiça, tratávamos, em uma palavra, do nosso *ménage*!

— E o commandante do forte? carasco?

— Creio que não devia favores ao Paço nem era afillado de pessoa real, porque era uma excepção aos officiaes que a republica escolheu para carcereiros das cadeias civis. A' generosidade do governador do Forte, uma alma bôa, em verdadeiro e completo contraste com outros carcereiros da republica, devemos a alta concessão que feita a todos os presos politicos, de podermos, todos os dias, renovar o ar dos pulmões, com um passeio de duas horas, na «magistral» do Forte.

Como appetece o exilio — Porque se foge de Portugal.

— Mas esse ar não chegava, não era o ar da liberdade, pois não?

— Desde que me prenderam, em Agosto, havia quasi 5 mezes, nunca tinha estado tanto tempo no mesmo predio! E confesso-lhe que me estava appetecendo já um novo passeio! Mas, para onde agora? Para o exilio, para onde, em angustiosa romaria, teem, ha trez annos a esta parte, marchado tantos milhares de compatriotas nossos, sedentos de liberdade, em busca da tranquillidade que não encontram em terras da republica. Pensava dia e noite na minha liberdade! Não podia soffrer, sem revolta, a violencia e a tyrannia que se estava exercendo sobre nós, encarcerados, martyrisados, ha longos mezes, sem culpa formada como criminosos e condemnados. Devo dizer-lhe antes de mais nada que

o que me levou á fuga, não foi o receio de me apresentar perante um tribunal onde se administrasse justiça. Conscio da sem razão de que venho sendo victima, não o receio, repito, antes desejo apresentar-me perante elle quando signifique justiça, altiloqua e tersa, e não uma reunião de «*encravas*», preparado *ad hoc*, com testemunhas de accusação, feitas de proposito, com o proposito firme de cohonestar uma condemnação já de antemão indicada ou decretada. Dias antes de sahir do Forte, fui surpreendido n'um interrogatorio que me foi feito pelo juiz auditor, major promotor e alferes secretario, dos tribunaes marciaes, com a novidade de que além da falsa accusação inicial, me achava envolvido em pseudo-complot com individuos que quasi não conheço e com quem não tive nem tenho relações de especie alguma. Ao fugir tive, sobretudo, em vista libertar-me do tyrannico e abusivo regime das prisões illimitadamente provisórias, generosamente offerecidas (a 2\$400 por mezes, menos trez dias), em usufructo a todo aquelle que usa uma gravata ao pescoço, com frequente *superavit* de crueldades.

Plano de fuga — O cabo Flores.

— Não chegou a ter culpa formada?

— Não, senhor. Em cinco mezes não tiveram tempo. Todo o tempo é pouco para martyrisar os que já estão presos e para inventar mais conspiradores. Assentei em limitar o tempo da prisão. E os tres companheiros do carcere, o Albuquerque, o Fornellos e este seu creado, tres pessoas distinctas, de ideaes differentes, de aspirações as mais contrarias, de politicas as mais contrarias, que o governo da Republica te-

ve artes de juntar entre as paredes do mesmo carcere, como accusados do mesmo crime, concertamos n'um momento o plano para a fuga, aproveitando o ensejo que se nos depa-rou. A 23 de Dezembro, pela uma hora da tarde, sahiamos do Forte, entre uma escolta de 10 soldados de Infantaria 22, sob o commando do 1.º cabo Flores, arvorado em sargento, com destino ao hospital de Elvas, á inspecção medica. Ali chegados, pedimos ao cabo licença para irmos ao notario, fazer umas procurações. O cabo accedeu ao pedido, recommendou á escolta que ficasse no hospital com outros dois presos, que tinham ido connosco, e acompanhou-nos ao... ao notario. No trajecto abrimo nos com o cabo: fallamos-lhe aos seus sentimentos de humanidade, aos seus sentimentos de soldado; e o cabo só nos disse: «*Eu tambem sou monarchico! Vocês fogem, mas eu tambem fujo, que isto tudo dá vontade de fugir a quem tem um palmo de vergonha na cara!*» Quizemos tranquillisal-o sobre quaesquer difficuldades futuras; atalhou: «*Eu não quero nada! Tenho dois braços para trabalhar. Atiro fóra as divisas, mas não as vendo! Vamos que hemos de voltar um dia. Portugal não ha-de querer ficar sem tanto filho bom que traz por essas terras de Christo!*» E graças a esse admiravel rapaz, cheio de fé monarchica e de generosidade, o cabo Flores, resolvemos n'um prompto sahir as portas, em demanda do caminho que conduz ás margens do Guadiana. E mettê-mos os quatro, de longada, procurando os caminhos mais escusos, por mattos e charnecas, saltando hora vallados hora muros de pedra solta, occultando-nos pelos olivêdos, evitando os montes, atravessando rochedos e terras lavradas, tropeçando aqui, escorregando acolá, parando de quando em quando para aliviar as

botas do pezo dos barros que se lhe pegavam, retomando rapido a nossa marcha, apressados, anciosos por alcançar a margem do rio, a coberto do alcance das vistas do Forte, onde ha optimos oculos de longa vista.

giamos a margem do Guadiana, junto á Torre da Bolsa. Uma vez alli, estavamos quasi salvos. O nosso hespanhol chamou o homem da *barca* que estava na margem opposta, que n'um prompto atracou ao nosso *caes de embarque* (!), um pé dentro d'agua,



Desenho de Joaquim Oeiras.

Providencial encontro.

— E não encontraram ninguém?

— Encontros tivemos um, e providencial. A meio caminho, encontramos um homem! Ao passarmos por elle e ao ouvir-lhe um «*Buenas-tardes*» no mais puro castelhano, tivemos uma inspiração! Era um hespanhol, um contrabandista, creio eu, com quem rapidamente ajustamos servir-nos de guia. Feito o ajuste por 3 duros, continuamos a jornada em acelerado. A anciedade vencia o cansaço. A's 4 horas da tarde attin-

outro dentro da *barca*, — era bem desconjunctada o diabo da *barca*! mal a gente se mexia, mettia logo agua! — e em dez minutos, e em *duas viagens*, que tantas foram precisas para o *transporte* dos 4 *passageiros*, encontravamo-nos respirando este bello ar de Hespanha, satisfeitos pela reconquista da nossa usurpada liberdade. Calcule a impressão que então sentimos, um mixto de saudade e de alegria, ao ter de abandonar o nosso querido Portugal, fugidos á perversidade da generosa republica. Estavamos, de facto, em

porto de salvamento, mas aterrava-nos a ideia de que tínhamos ainda que andar 3 leguas e meia, para chegarmos a Badajoz, sobre as 4 e meia já andadas, e que a noite se avizinhava cada vez mais.

A taverna da Cega — Salvos!

— Descançaram?

— Ninguém descança quando em marcha para a liberdade: nem prisioneiros, nem um povo oprimido! Apesar da enorme fadiga das leguas já andadas, não affluíamos, continuando a jornada com afan. O ar da liberdade, que já renovava os nossos j obres pulmões de encarcerados, dava-nos a energia precisa para recobrar as forças perdidas e arrostar com todos os embaraços que podessem oppôr-se á continuação da nossa viagem. Para encurtar caminho, o nosso guia metten-nos por um atalho que leva ao *Cerrado de la Castellana*, do ganadero D. Manuel Albarran, de onde os toiros nos pareceram carbonarios disfarçados. Começamos de longe a ouvil-os, e com franqueza avançámos, mas pouco satisfeitos. O nosso prudente guia traçou um desvio para uma ribanceira, embrenhando-nos ao longo da margem, viagem difficil e perigosa, por sobre seixos do rio e calhaus movediços. Pela noite, as difficuldades augmentavam. Extenuados da emoção e da marcha, a falta de habito de andar, pela inacção de mezes, os pés maguados do pessimo pezo que offereciam os cascalhos do rio, e o estado de fraqueza, pela deficiente alimentação do carcere, accrescida pelo quasi jejum em que iamos desde que sahiramos do Forte, tudo isso dera connosco semi-mortos. O Albuquerque declarou-nos que não podia andar mais. Passada a zona perigosa, livres já de qual inter-

venção *laurina*, tornamos a subir a trincheira e já em cima, lobrigando perto uma luz n'um casalsito para lá nos dirigimos e por felicidade encontramos o que desejavamos: um meio de transporte que habilitasse o companheiro impossibilitado a continuar a jornada até final! Lá nos alugaram um burro! Remediado o contratempo, seguimos por atalhos até que nos encontramos na estrada de Olivenza. A fome apertava, Badajoz estava longe ainda. Era forçoso descançar um pouco e tomar alguma coisa para «*animar o cavername*» — como se diz lá na cadeia. — O guia indica-nos, ao chegar á estrada, a «*Taberna de la Ciega*» na «*Cañada de Sanchez Brava*». Entramos e sentamo-nos. por infelicidade só havia vinho e a indispensavel «*aceituna*» com que os meus companheiros se reconfortaram, ao passo que eu, sempre previdente, saquei da algibeira *dois óvinhos* com que me havia prevenido. Bati-os com assucar e vinho branco, e chamei-lhes um figo! Depois d'aquelle pseudo-conforto com que illudimos o nosso estropiado organismo, seguimos á procura do *terminus*, d'aquella jornada, para nós memoravel. Hora e meia depois, ás 9 e meia da noite, o nosso modesto cortejo dava entrada em Badajoz pela «*Puerta Pilar*», o Albuquerque e o burro, o Fornelles e eu, o cabo e o guia. Chegados ao *Ganido*, despedimos o guia e o burro, e os 4 fugitivos fizeram a sua entrada e a conveniente apresentação. Feito o *repasto de habitaciones*, lá mesmo nos serviram um jantar que devoramos como se ha tres dias não comessemos! Após o que nos atiramos a uma commoda cama de que havia muito tempo andavamos divorciados.

E Joaquim Oeiras terminou com este commentario:

— Ha dois annos vinha gente de

Portugal para Hespanha, a tomar parte em incursões. Hoje em dia vem gente para Hespanha porque não quer tomar parte em enterros, como principal figura. Vem gente para Hespanha, fugida dos subterraneos da Republica. Vem gente para Hespanha, para não asfixiar nos escou-

sos do Limoeiro. Vem gente para Hespanha, para não ser afogada nos exgotos dos presidios. Vem gente para Hespanha, para salvar a liberdade, os restos da vida, porque hoje em Portugal o dilemma é este: ou se ha-de perder a vergonha, ou se ha-de perder a liberdade!

